

SAÚDE DOS ANIMAIS



# As doenças dos nossos cães

## E A EVOLUÇÃO DA MEDICINA

*Os cães domésticos estão a viver cada vez mais tempo graças à qualidade dos métodos de diagnóstico e terapêuticos, à especialização dos médicos veterinários e a uma maior consciencialização dos tutores. De que sofre o “melhor amigo do homem”?*

 HELENA GATINHO





**TODOS DIFERENTES**  
Há raças mais predispostas para doenças cardíacas, outras para a displasia da anca... Mas a crueldade humana vê-se nas raças braquicéfalas, com muitos problemas de saúde, por serem selecionadas características extremas para deleite humano

**H**á cães com pacemaker, cães que sobrevivem a doenças fatais, cães que fazem quimioterapia para combater câncros, cães que duram até aos 18 anos, cães que raramente adoecem... Os avanços da medicina veterinária e a generalização dos métodos de diagnóstico e das armas terapêuticas têm feito aumentar a esperança e a qualidade de vida destes nossos animais de estimação. Afinal, como nota Sónia Miranda, vice-presidente da Ordem dos Médicos Veterinários e veterinária há 25 anos, “a evolução da medicina veterinária tem acompanhado a evolução da medicina humana”.

“Houve um desenvolvimento tecnológico de diagnóstico e de terapêutica”, salienta Patrícia Branco, vice-presidente da Associação Portuguesa de Médicos Veterinários Especialistas em Animais de Companhia (APMVEAC), destacando em particular “a banalização do recurso a meios de diagnóstico de imagem avançada como a TAC, a ecografia de maior qualidade e a radiografia digital”. Métodos que, acrescenta, fazem hoje parte “dos exames complementares de diagnóstico a que recorremos por rotina, e que nos proporcionam informação de muita qualidade comparado com os equipamentos de há uns anos”.

A nível de tratamentos cirúrgicos, prossegue, são as técnicas de intervenção minimamente invasiva que representam a maior evolução. “Já é comum realizar endoscopias, artroscopias, laparoscopias para biópsias ou intervenções cirúrgicas de rotina (como as esterilizações), e é possível corrigir patologias cardíacas por cateterismo – por exemplo, com a colocação de pacemakers”, exemplifica.

A par de todos estes avanços, refira-se ainda a proliferação das vacinas, um recurso cada vez mais utilizado para prevenir doenças graves e outras fatais, e a especialização da própria medicina veterinária, “uma tendência crescente e natural porque, tal como nos humanos, há intervenções que têm de ser feitas por um médico ou um técnico especializado”, defende Sónia Miranda, diretora clínica do Hospital



**“CHEWIE”, COM A TUTORA**  
Conhecemo-lo no Hospital Veterinário de Oeiras (VetOeiras), onde foi fazer o reforço de vacinas (ver reportagem a partir da pág. 30)

## “Existem muitas predisposições genéticas raciais para doenças”

### **PATRÍCIA BRANCO**

Vice-presidente da Associação Portuguesa de Médicos Veterinários Especialistas em Animais de Companhia



Veterinário do Atlântico, em Mafra, um exemplo evidente desta “medicina multidisciplinar”.

Acresce a tudo isto uma maior preocupação, e mais atenção, por parte dos tutores. Patrícia Branco reconhece que estes “estão cada vez mais sensibilizados, informados e exigentes acerca dos cuidados de saúde veterinários dos seus companheiros”. O que é visível “na aposta em cuidados preventivos, na procura de assistência médica veterinária mais cedo, na disponibilidade para recorrer a cuidados veterinários mais avançados e especializados quando necessário e na subscrição de seguros de saúde animal”.

Para lá da evidente melhoria na saúde (e na longevidade) deste fiel companheiro, a verdade é que os cães continuam a enfrentar, uma ou várias vezes na sua vida, o risco de contrair doenças mais ou menos graves. Afinal, que doenças atacam os nossos cães?



RICARDO LOPES

## DOENÇAS DA PELE À FRENTE

Os estudos internacionais referem como mais frequentes as doenças de pele (nomeadamente de origem alérgica, como é o caso da dermatite), patologias dentárias, gastrointestinais e otites. Um estudo recente efetuado com mais de 1,2 milhões de animais pela seguradora americana Nationwide, e citado pela revista *Veterinary Practice News*, revela que, pelo 11º ano consecutivo, a alergia cutânea foi o problema de saúde mais comum nos cães, com cerca de 373 mil reivindicações individuais recebidas no ano passado (acima das 335 mil em 2021).

Seguem-se a otite externa, a enteropatia (distúrbio intestinal) e a gastrite. Outros dados, neste caso provenientes de uma pesquisa do Royal Veterinary College, uma conceituada escola de medicina veterinária britânica, colocam as doenças dentárias em primeiro lugar (12,5%), seguidas das infeções de ouvidos (7,3%) e da obesidade (7,1%).

Em Portugal, não existem levantamentos nacionais (apenas estudos de

## Cancro a aumentar

**Tal como acontece com os humanos, também nos cães o cancro está a aumentar. E os tratamentos disponíveis têm tido resultados muito satisfatórios. Mas cabe sempre ao tutor “avaliar e decidir”**

- ▶ A “prevalência maior de neoplasias” deve-se “quer ao aumento de longevidade dos cães quer à melhoria dos processos de diagnóstico que permitem detetar mais casos e mais precocemente”, explica Patrícia Branco, vice-presidente da Associação Portuguesa de Médicos Veterinários Especialistas em Animais de Companhia. Quanto aos tratamentos, prossegue, “são sobretudo cirúrgicos e quimioterápicos e, em menor escala, imunológicos”.
- ▶ Sónia Miranda confirma: “Com o aumento da longevidade, a probabilidade de aparecerem problemas oncológicos é muito grande.” No entanto, também a sobrevivência aumentou, pois o tratamento dos tumores (os mais frequentes são os linfomas) “mudou muito nos últimos anos”. Existem hoje “técnicas muito avançadas, seja no diagnóstico, na verificação do estágio do tumor ou no próprio tratamento”, avança a diretora clínica do Hospital Veterinário do Atlântico, onde foi recentemente inaugurado um Centro de Oncologia e onde começará a funcionar em breve a primeira unidade de radioterapia para cães em Portugal.

- ▶ Atualmente, explica ainda, o tratamento do cancro passa sobretudo por “cirurgias assentes numa imagem precisa” e pouco invasivas e, nalguns casos, por sessões de quimioterapia. “Há uma tendência muito grande para, tal como acontece na medicina humana, as técnicas escolhidas serem o menos invasivas possível”, diz, exemplificando com a “técnica de termoablação, em que, com uma agulha teleguiada, se consegue fazer a imobilização do tumor”.

incidências muito localizados), mas a prática parece confirmar aquelas conclusões. “Estes resultados são consistentes com aquilo que constatamos diariamente na nossa prática clínica”, confirma Patrícia Branco. Sónia Miranda concorda – “As doenças dérmicas e gastrointestinais sempre foram a principal razão da ida ao veterinário” –, mas destaca “a mudança a que se assistiu nos últimos anos: a grande diminuição das doenças infecciosas (apesar de ainda surgirem infeções causadas por bactérias multirresistentes) e o aumento das alergias alimentares, dos problemas imunológicos e oncológicos e da obesidade”.

Apesar de estarem em queda, algumas das doenças infecciosas mais comuns ainda são motivo de preocupação. É o caso da leishmaniose, transmitida pela picada de um mosquito (flebotomo); da esgana, doença viral de evolução rápida, altamente contagiosa e frequentemente fatal; da leptospirose, associada ao contacto com a urina de rato; da traqueobronquite infecciosa (vulgarmente conhecida como tosse do canil), infeção respiratória aguda muito contagiosa; da raiva, doença viral fatal que afeta o sistema nervoso central; da febre escarar-nodular (febre da carraça), uma infeção aguda provocada por microrganismos que se transmitem através da picada de carraças; e da parvovirose, uma doença viral comum em cachorros e extremamente contagiosa.

Potencialmente perigosas – por vezes fatais –, todas estas doenças dispõem agora de vacinas de eficácia elevada, capazes de prevenir o desenvolvimento da infeção ou, pelo menos, de atenuar os seus efeitos. A par disto, a administração mais generalizada de desparasitantes externos e internos e a sensibilização dos tutores no sentido de evitar o contacto do animal com charcos e águas paradas, poisos habituais de hospedeiros, e com fezes e restos de comida, propícias à transmissão de bactérias, têm contribuído igualmente para a diminuição destas infeções.

A todas estas acrescem ainda as doenças ortopédicas, sendo a mais vulgar a displasia da anca (uma malformação no local onde a pata traseira encaixa na cintura pélvica), a insuficiência renal e a diabetes. Para lá das doenças cardíacas e oftalmológicas, das cistites, das cataratas ou mesmo da depressão, entre muitas outras.



## O PORTUGUÊS MAIS VELHO DO MUNDO

*Bobi*, um rafeiro do Alentejo, tem 31 anos (nasceu a 11 de maio de 1992), vive na aldeia de Conqueiros, em Leiria, e foi reconhecido pelo Guinness World Records como o cão mais velho do mundo e também o mais velho de sempre. O tutor acredita que a longevidade de *Bobi* se deve ao facto de nunca ter estado preso e de passar os dias ao ar livre, no quintal da família.

Leonel Costa, o dono, tinha 8 anos quando o salvou de morte certa, não contando ao pai que escondera o cachorro, depois da ninhada em que nascera ter sido levada para ser enterrada. *Bobi* cresceu em liberdade, no ambiente calmo da aldeia, em passeios pela floresta.

Leonel conta que ele bebe muita água (um litro por dia) e come o mesmo do que os humanos da família, mas a comida é passada por água, antes de ser dada aos animais, para tirar a maior parte dos temperos.

GETTYIMAGES

### RAÇAS VULNERÁVEIS

Enquanto muitas doenças caninas são difíceis de evitar (e de desfecho imprevisível), outras há mais “naturais”, ou pelo menos mais expectáveis. Por outras palavras, existem “muitas predisposições genéticas raciais para doenças”, como explica Patrícia Branco. E dá exemplos: “As doenças dos discos intervertebrais afetam sobretudo as raças teckel e basset hound, as doenças cardíacas valvulares são mais frequentes nas caniche, pinscher e cavalier king charles spaniel e a displasia da anca nas barbado da Terceira, pastor-alemão, labrador, golden retriever e noutras raças grandes.”

Mas há mais. “As raças braquicéfalas (de focinho curto, como os pugs, e os bulldogues ingleses e franceses) são mais propícias a problemas respiratórios superiores e oftalmológicos e a distócias (problemas no parto), entre outros.” Acresce ainda, alerta a veterinária, que “nestas raças, verificamos que cada vez mais, por motivos estéticos e comerciais, são selecionadas características extremas (como o nariz achatado) que conduzem invariavelmente a um agravamento e a uma maior prevalência dos problemas de saúde hereditários” e, conseqüentemente, a uma “qualidade e esperança de vida mais reduzidas”. Um tema que, note-se, mereceu já

## A que sinais estar atento?

*Uma visita regular (no mínimo, anual num animal saudável) ao médico veterinário é a melhor forma de prevenir doenças ou de as detetar precocemente. Mas há sinais que não devem ser desvalorizados. Quais?*

- ▶ Alteração de peso
- ▶ Perda de apetite
- ▶ Aumento do consumo de água
- ▶ Vômitos
- ▶ Alterações cutâneas
- ▶ Febre
- ▶ Tosse ou espirros frequentes
- ▶ Mau hálito ou dificuldade em comer
- ▶ Olhos amarelados ou avermelhados
- ▶ Nódulos
- ▶ Alterações gastrointestinais
- ▶ Prostração
- ▶ Intolerância ao exercício
- ▶ Alterações comportamentais

a atenção da APMVEAC, que tem vindo a “sensibilizar profissionais de saúde e tutores para o bem-estar destes cães”, revela a vice-presidente da associação.

Se os avanços no diagnóstico e nos tratamentos são inquestionáveis, também é verdade que, devido aos custos que envolvem, podem revelar-se inatingíveis. “A medicina veterinária não é barata”, admite Sónia Miranda, reconhecendo que este facto limita o acesso a determinadas terapias, muitas vezes gerando “uma grande frustração nos tutores”. E, infelizmente, não parece haver solução à vista para este problema...

A APMVEAC pediu um parecer jurídico sobre a possibilidade de aplicar uma isenção ou redução do IVA no exercício da profissão de veterinário de animais de companhia, mas até agora sem conseqüências por se tratar de uma medida vedada “pelas diretivas da União Europeia existentes na matéria e vinculativas para o Estado português”.

Por isso, para lá do Cheque Veterinário, uma medida da Ordem dos Médicos Veterinários em parceria com algumas câmaras municipais para o atendimento (exclusivo) de animais de risco, e dos seguros, nada parece vislumbrar-se a curto prazo para aliviar os custos, por vezes bem elevados, suportados pelos tutores. +